



Revista Giro do Horizonte Edição 2015 - 1º Semestre

A IMPORTÂNCIA DAS TÉCNICAS DE ESCALADA PARA O CONCLUDENTE DO CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO

Doniwilker Jesus de Oliveira

GIRO
DO HORIZONTE

A IMPORTÂNCIA DAS TÉCNICAS DE ESCALADA PARA O CONCLUDENTE DO CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO

Doniwilker Jesus de Oliveira*

RESUMO

A presente pesquisa permitiu analisar a atual formação do Guia de Cordada, a fim de determinar se o concludente do Curso Básico de Montanhismo (CBM) possui as habilidades necessárias, no que se refere às técnicas de escalada, para cumprir as tarefas previstas em seu perfil profissiográfico.

Contata-se que os processos de ensino das técnicas de escalada aplicados atualmente no curso não atendem, satisfatoriamente, todos os objetivos previstos em seu documento curricular, limitando o seu concludente em suas habilidades técnicas para cumprir as missões de um Guia de Cordada.

Identificando a necessidade de aperfeiçoamento do CBM, este estudo torna-se altamente relevante para melhor capacitar o Guia de Cordada na execução de suas tarefas, especialmente no que tange ao emprego das técnicas de escalada para a transposição de qualquer obstáculo que possa se apresentar durante uma operação militar.

O tema é desenvolvido a partir de um estudo preliminar sobre os principais aspectos que envolvem as operações em montanha e o emprego dos especialistas da tropa, o treinamento da escalada técnica e sua relação com o desenvolvimento dos atributos da área afetiva, bem como a análise da formação dos montanhistas militares no Exército Brasileiro e em nações amigas.

Como conclusão, infere-se que a capacidade técnica do concludente do curso básico tende a ser aprimorada com mudanças nas instruções teóricas e práticas do curso, sendo necessária a implementação de atividades diferentes das que hoje são realizadas, além da atualização das normas de avaliação do curso visando aperfeiçoar o aprendizado das técnicas de escaladas.

Palavras-chave: Técnica de escalada em rocha. Curso Básico de Montanhismo. Guia de Cordada

RESUMEN

El presente estudio nos ha permitido analizar la actual formación de los Guías de Cordada, para determinar si el concluyente del CBM tiene las habilidades necesarias, en relación con las técnicas de escalamiento, para cumplir las tareas de su perfil profesional.

Aparece que los procesos de la enseñanza de las técnicas de escalada que se aplican actualmente en el curso no cumplen satisfactoriamente todos los objetivos establecidos en su documento curricular, limitando su concluyente en sus habilidades técnicas para realizar las tareas de un Guía de Cordada.

Identificando la necesidad de mejora del CBM, este estudio es de gran relevancia para permitir mejor habilitar el Guía de Cordada en el ejercicio de sus funciones, especialmente en lo que se refiere al empleo de técnicas de escalada para la transposición de todo obstáculo que pueda presentarse durante una operación militar.

El tema se desarrolla a partir de un estudio preliminar sobre los aspectos clave de las operaciones en montañas y el empleo de especialistas de la tropa, el entrenamiento de escalada técnica y su relación con el desarrollo de los atributos afectivos, así como el análisis de la formación de montañistas del Ejército Brasileño e de naciones amigas.

En conclusión, parece que la capacidad técnica de concluyente del curso básico tiende a mejorar con cambios en las instrucciones teóricas y prácticas del curso, requiriendo la aplicación de actividades diferentes de las que se llevan a cabo hoy en día, además de la actualización de las normas de evaluación del curso con el propósito de mejorar el aprendizaje de las técnicas de escalada.

Palabras clave: Técnica de escalamiento en roca. Curso Básico de Montañismo. Guía de Cordada

* Capitão de Infantaria da turma de 2003. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2012. Foi instrutor da Seção de Instrução de Montanhismo / 11º BI Mth no triênio 2006-2008.

A IMPORTÂNCIA DAS TÉCNICAS DE ESCALADA PARA O CONCLUDENTE DO CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história militar e mais recentemente, particularmente durante a Segunda Guerra Mundial e na campanha norte-americana no Afeganistão, é notável o emprego de tropas treinadas para o combate na montanha.

Como fruto da experiência adquirida nos combates junto à tropa de montanha norte-americana na campanha da Itália, na Segunda Grande Guerra, aliado à sua localização na cidade de São João Del Rei – MG, aos pés da Serra do Lenheiro, um maiores campos de escalada em rocha do Brasil, em 1977, o 11º Batalhão de Infantaria recebeu a missão de desenvolver e aplicar as técnicas do montanhismo militar no Exército Brasileiro.^{1,2}

Hoje, ressalta-se a necessidade de o Exército Brasileiro possuir uma tropa que tenha as condições de operar na montanha, atendendo, também, as ideias advindas da Estratégia Nacional de Defesa (END) sobre a capacidade de emprego dessa tropa em ambiente operacional de montanha no subcontinente sul-americano ou fora dele, em atendimento a compromissos internacionais atuais ou futuro.³

O território brasileiro não possui grandes altitudes (acima de 3000m), sendo desnecessária a aclimatação e adaptação do militar a essas regiões. Sendo assim, a principal característica do ambiente operacional de montanha no território brasileiro advém da necessidade de se ter especialistas em técnicas e equipamentos de montanhismo aptos a realizar a transposição de obstáculos.⁴

O Centro de Instrução de Operações em Montanha (CIOpMth) / 11º BI Mth é o responsável pela formação desses especialistas, por meios de estágios e cursos ministrados.

Dentre estes, o Curso Básico de Montanhismo (CBM) habilita o seu concludente, denominado Guia de Cordada, a realizar escaladas livres e escaladas artificiais com determinado grau de dificuldade, permitindo-lhe transpor obstáculos a fim de preparar e equipar vias para a transposição de tropa de qualquer natureza.⁵

Este combatente deve possuir conhecimento e habilidades suficientes para, diante de um obstáculo desconhecido, utilizar as técnicas que lhe permitam transpor com segurança, sigilo e no menor tempo possível aquele obstáculo durante uma

operação militar.

As técnicas de escalada ministradas no Curso Básico de Montanhismo (CBM) devem permitir que sejam desenvolvidos os atributos e habilidades técnicas necessárias e imprescindíveis ao exercício das funções inerentes ao Guia de Cordada, principalmente quando este for exigido na sua capacidade técnica de realizar a transposição de obstáculos verticais que a tropa se depara durante uma operação em montanha.

Neste sentido, a presente investigação vem analisar a importância das técnicas de escalada ensinadas e desenvolvidas durante o CBM, esperando, dessa forma, contribuir para a atualização e a melhoria dos processos aplicados no ensino dessas técnicas e para a atualização dos documentos que regulam o referido curso.

É imprescindível que o Guia de Cordada seja um perito – profundo conhecedor das técnicas de escalada – e possa estar apto a transpor qualquer obstáculo rochoso, com nível de dificuldade moderado, durante uma operação em montanha.

Essa capacidade deveria ser alcançada durante a sua formação através de diversas atividades que o conduzam ao desenvolvimento das habilidades técnicas necessárias, permitindo que ele possa executar, em princípio, qualquer escalada com um grau de dificuldade moderado, compatível com o previsto no currículo do CBM.

Entretanto, vem se notando que a formação atual atinge níveis que, comparando-se a formação básica de um escalador civil ou com a formação de montanhistas em outros exércitos, são considerados insatisfatórios.

Esse estudo pretende propor alterações no processo de ensino das técnicas de escalada no CBM a fim de ampliar o cabedal de conhecimento sobre o montanhismo militar e desenvolver as habilidades técnicas e os atributos da área afetiva inerentes à atividade.

Sendo assim, se justifica pelo fato de que o desenvolvimento adequado das técnicas de escalada durante o curso, objetivo fundamental do CBM, permite ao Guia de Cordada não se limitar diante de qualquer obstáculo que se apresentar, dando-lhe as condições necessárias, técnicas e psicológicas, para realizar a escalada operacional.

Além disso, aperfeiçoar a formação do Guia de Cordada permitirá que esses militares estejam em melhores condições de realizar cursos no exterior, participar de

competições internacionais entre exércitos e motivará o militar a buscar o seu aprimoramento técnico junto ao montanhista civil, que é quem realmente trabalha continuamente para a evolução das técnicas e materiais utilizados no montanhismo.

2. DESENVOLVIMENTO

O caminho percorrido na solução do problema de pesquisa levantado iniciou-se com a realização de pesquisas documentais e bibliográficas, onde foram analisadas as literaturas referentes ao desenvolvimento das técnicas de escalada em rocha e os manuais técnicos de exércitos de nações amigas.

Concomitantemente, foi realizada análise dos relatórios dos militares que realizaram cursos de montanhismo no exterior, bem como uma entrevista com um oficial do Exército do Chile, o que possibilitou verificar como são desenvolvidos os cursos de montanhismo nos exércitos da Argentina, Colômbia e Chile.

Em seguida, buscou-se analisar a percepção dos especialistas em montanhismo militar sobre o ensino das técnicas de escalada no CBM. Para isto, foram selecionadas duas amostras, compostas pelos concludentes do CBM em 2012 e pelos instrutores e ex-instrutores do curso, para responderem a dois questionários que complementaram a pesquisa.

Com relação às variáveis envolvidas no estudo, **“os processos de ensino das técnicas de escalada aplicados no Curso Básico de Montanhismo”** apresentou-se como variável independente, sendo esperado que a sua manipulação consiga exercer efeito significativo sobre a variável dependente que foi definida como a **“capacidade técnica do concludente do Curso Básico de Montanhismo”**.

Por fim, foi operacionalizada a análise dos dados obtidos, sendo os mesmos submetidos a um tratamento estatístico e criticados, externa e internamente, antes de serem tabulados e apresentados de forma clara, objetiva e sintética.

De maneira geral, a pesquisa bibliográfica possibilitou:

- Descrever os conceitos básicos sobre as operações em ambiente de montanha;
- Descrever as diferenças entre as técnicas de escalada e relacioná-las à sua aplicação na escalada operacional;
- Identificar as habilidades técnicas que devem ser desenvolvidas durante o CBM;

- Relacionar o desenvolvimento dos atributos da área afetiva ao desenvolvimento das habilidades técnicas do concludente do CBM;
- Comparar a formação básica do montanhista militar do Exército Brasileiro com a formação do montanhista civil e com a formação em outros exércitos;

A análise dos dados obtidos com o questionário verificou que o CBM, atualmente, atinge os objetivos previstos em seu currículo, porém limita o seu concludente quanto à sua capacidade técnica. Isto permitiu que fossem levantadas algumas oportunidades de melhorias a fim de aperfeiçoar essa capacidade.

Contudo, visando um melhor entendimento dos dados colhidos, será realizada a apresentação e discussão dos mesmos de maneira isolada evitando, assim, uma generalização das respostas dadas.

Os principais pontos levantados nos questionário dizem respeito ao ensino das técnicas de escalada e à capacidade técnica do Guia de Cordada.

O primeiro se refere às instruções teóricas e práticas do CBM. Os resultados obtidos permitem dizer que houve um consenso entre os militares das duas amostras arguidas de que as instruções teóricas do CBM são claras, objetivas, coerentes e a sua carga horária é suficiente.

Entretanto, pode-se afirmar que esta carga horária atende apenas os atuais objetivos do CBM, previstos no seu documento curricular. Alguns assuntos poderiam ser acrescidos com o intuito de ampliar o cabedal de conhecimentos do Guia de Cordada, porém seria necessária a ampliação da carga horária para não comprometer outras instruções.

É importante destacar que as instruções teóricas têm fundamental importância para o aprendizado sobre os equipamentos utilizados no montanhismo, conhecimentos sobre graduação de vias, interpretação de relatórios de reconhecimento em montanha e prevenção de riscos na escalada em rocha, assuntos essenciais ao Guia de Cordada.

Com relação às instruções práticas ficou evidente, no que tange à suficiência da carga horária, que tanto os concludentes do CBM quanto os instrutores do curso a consideraram suficiente quanto às escaladas livre e em cordada e insuficiente em relação à escalada artificial.

Embora as atividades desenvolvidas pareçam suficientes, tem que se ter em mente que uma boa capacidade técnica depende de uma prática constante e efetiva.

Quanto à escalada artificial, deve ser lembrado que esta técnica era

desenvolvida durante duas semanas no Curso Avançado de Montanhismo (CAM), onde o assunto era ministrado, e essa carga horária foi passada ao CBM sem que houvesse aumento da duração do curso.

Como consequência, algumas instruções tiveram que ser diluídas ao longo do curso e as práticas de escalada artificial tornaram-se mais corridas, prejudicando o aprendizado da técnica.

Em relação às dificuldades das vias de escalada observou-se que entre os concludentes do CBM é considerada moderada em todas as técnicas, enquanto que entre os instrutores do CBM verifica-se que há uma tendência a uma classificação mais baixa em relação ao primeiro grupo.

É importante levar em consideração que os militares que realizam o curso não possuem nenhuma experiência em montanhismo. Além disso, as práticas de escalada durante todo o curso são executadas utilizando-se apenas o coturno com o solado preparado para a atividade, o que diminui a confiança do escalador.

A sapatilha de escalada, utilizada no meio civil e em outros exércitos para as atividades de curso ou até mesmo em operações, é um tipo de calçado desenvolvido especialmente para a atividade, proporcionando maior aderência à rocha e permitindo ao escalador executar movimentos com maior precisão e confiança.

Esses fatores relacionados fazem com que o aluno do CBM sinta uma dificuldade natural que deverá ser superada ao longo do curso pela prática constante e gradativa.

Quanto à escalada artificial os dois grupos classificam a dificuldade das vias como moderadas. As vias praticadas no CBM possuem graduação de A1 e A2 que possibilitam desenvolver boas habilidades técnicas no escalador sem comprometer a segurança neste tipo de escalada.

Os instrutores do CBM, além do Curso Básico de Montanhismo, realizaram também o Curso Avançado de Montanhismo e, estando na função de instrutor, ministram diversos estágios e cursos, possuindo, dessa forma uma maior experiência quanto à escalada em rocha.

Porém, essa experiência é decorrente apenas das práticas realizadas durante os estágios e cursos, pois se constatou que poucos instrutores possuem alguma experiência fora dos cursos militares ou praticam constantemente a escalada em rocha fora da atividade de instrução.

O nível de dificuldade moderado numa escalada em rocha estaria

representado por escaladas de 4º, 5º e 6º grau, sendo que estes últimos não são praticados em nenhum momento durante o curso.⁶ Portanto, não se pode afirmar que as vias de escalada do CBM possuem dificuldade moderada, uma vez que a maioria de suas escaladas se dá em níveis fáceis.

O outro fator analisado se refere à gradatividade da instrução prática do CBM. A instrução gradativa, iniciada em níveis básicos e evoluindo no grau de dificuldade à medida que o escalador adquire maiores habilidades, é fundamental para o aprimoramento da capacidade técnica.

Nos resultados obtidos na pesquisa, ficou constatado que a instrução pode ser aperfeiçoada de forma a tornar mais latente esse crescimento da dificuldade apresentada aos alunos.

Essa oportunidade de melhoria pode ser observada na fase de escalada livre. Embora no primeiro dia de escalada sejam realizadas as rotas do Campo “A”, em tese mais fáceis, e no segundo dia sejam realizadas as rotas do Campo “B”, percebe-se que ambos os campos possuem rotas de diferentes graus de dificuldades, ou seja, há rotas de 4º grau no Campo “A” e rotas de 2º grau no Campo “B” e vice-versa.

As rotas mais fáceis deveriam ser escaladas nos primeiros dias, deixando as mais difíceis para os dias seguintes, à medida que o aluno ganha confiança e desenvolve sua técnica.

Na fase de escalada em cordada essa gradatividade é alcançada de forma mais satisfatória, quando observada apenas a prática de escalada com meios artificiais móveis realizadas nos Paredões II ½, II, III e IV, nesta sequência. Porém, a escalada guiada deve ser realizada quando o escalador possuir habilidades técnicas apuradas, bom conhecimento sobre o equipamento e confiança para vencer a rota.

Para fornecer essa confiança necessária para guiar uma cordada, é importante que o escalador domine as técnicas de escalada livre. Isso se consegue com uma prática bem conduzida, intensa e gradativa que deve ser realizada em *boulder**, escalada em *top rope*** , escalada em vias longas e em vias mais difíceis, a fim de aperfeiçoar a técnica do escalador.⁷

* Bloco de pedra com alguns poucos metros de altura. Modalidade de escalada praticada sem corda e sempre perto do chão.

** Modalidade de escalada onde a segurança é provida com a corda vinda de cima.

A escalada *indoor* (paredes artificiais) também pode ser utilizada para complementar o treinamento do escalador, porém não substitui o contato com a rocha. Pode, ainda, fazer parte desse treinamento preliminar, escaladas guiadas em vias com meios fixos (grampos e chapeletas).

Somente após essas etapas e depois de uma instrução sobre o emprego de meios artificiais, o aluno do CBM seria submetido às escaladas em cordada com meios móveis.

A escalada artificial deve ser a última técnica desenvolvida no curso, pois necessita de muito bom conhecimento sobre o emprego de meios móveis. É importante, também, que a instrução prática seja desenvolvida da mesma forma que na escalada em cordada, com o uso de meios fixos e, posteriormente, com meios móveis, iniciando pelas mais fáceis e progredindo gradualmente.

As instruções do CBM têm por finalidade desenvolver, através de uma prática constante, metódica e gradativa, todas as habilidades necessárias para um Guia de Cordada poder cumprir as suas missões com eficiência, rapidez e segurança. A adequada condução dessas instruções deve ser o cerne do curso, pois são elas que darão as condições técnicas ao especialista formado.

O segundo ponto analisado nos questionários diz respeito à capacidade técnica do Guia de Cordada, abordando-se, para isso, as dimensões: conhecimentos técnicos, habilidades técnicas e os atributos da área afetiva.

A dimensão conhecimentos técnicos trata, especificamente, dos conhecimentos sobre o montanhismo e as técnicas de escalada que o concludente do CBM deverá possuir ao final do curso. Esses conhecimentos são fundamentais para o especialista em montanhismo, pois fornecem o embasamento técnico teórico necessário para o desempenho de suas funções.

Constatou-se na pesquisa que as instruções teóricas do CBM proporcionam ao concludente do curso boas noções sobre materiais, termos técnicos e conhecimentos sobre o montanhismo em geral, porém, é possível verificar que há oportunidades de melhorias.

Analisando-se o Plano de Disciplinas (PLADIS) do CBM, verifica-se que as instruções do CBM são semelhantes às ministradas em cursos civis ou em cursos de montanhismo em outros exércitos estudados (Argentina, Chile, Espanha e EUA).

Também se observa que todos os assuntos abordados constam dos manuais técnicos desses exércitos, bem como de livros sobre a escalada em rocha e outras

publicações relacionadas ao montanhismo.

Portanto, em relação aos assuntos ministrados, relativos, especificamente às técnicas de escalada necessárias ao Guia de Cordada, não se faz necessária a inclusão de novas disciplinas. Entretanto, a fim de permitir ao Guia de Cordada melhores condições de prosseguir com o seu autoaperfeiçoamento, é interessante que sejam padronizados alguns termos técnicos já consagrados no meio civil.

Essa diferença de nomenclaturas pode provocar certa confusão nos militares que queiram buscar o seu aperfeiçoamento na literatura civil, ressaltando-se ainda que essa nomenclatura é padronizada a nível mundial.⁸

Outro conhecimento que pode ser aperfeiçoado se refere à graduação de vias de escalada. O Brasil, desde 2007, já possui um sistema de graduação de vias próprio, em uso por todo território nacional e reconhecido pela União Internacional das Associações de Alpinistas (UIAA).⁹

Embora esse assunto seja tratado no curso por ocasião das instruções de resenha gráfica e reconhecimento de paredão, que constam no PLADIS, não há uma preocupação quanto à apresentação mais detalhada desse sistema, fazendo-se necessária uma abordagem específica.

A correta identificação e interpretação da graduação de uma via de escalada é de suma importância para o Guia de Cordada, pois isso lhe dará condições de selecionar corretamente o material e se preparar adequadamente àquela escalada, que irá realizar durante a sua atividade fim.

O Guia de Cordada, especialista em montanhismo militar, é um perito, profundo conhecedor dos equipamentos e técnicas do montanhismo. Seu conhecimento técnico é fundamental para a execução da atividade de escalada, pois envolve risco para si próprio e para a tropa.

As habilidades técnicas abordadas neste estudo são as aptidões psicomotoras que devem ser ensinadas e desenvolvidas durante o CBM, permitindo que ao final do mesmo o aluno possa atingir níveis técnicos satisfatórios à execução de escaladas em rocha de graduações moderadas com rapidez, eficiência e segurança.

Os concludentes do CBM afirmam que os níveis de escalada atingidos no curso atendem satisfatoriamente os objetivos previstos, não havendo limitações em relação às habilidades técnicas.

Também se constatou nesse grupo que poderiam ser implementadas

modificações no curso com o aumento do número de escaladas, porém mantendo-se os atuais níveis de 4º grau, para a escalada livre e em cordada, e A2, para a escalada artificial, considerados suficientes para o Guia de Cordada.

Por outro lado, os instrutores do CBM acreditam que há uma limitação do Guia de Cordada no que se refere às suas habilidades técnicas. Além disso, as modificações propostas por esse grupo conduziram o aluno a um melhor desenvolvimento dessas habilidades, por meio da realização de um maior número de escaladas, durante o curso, que chegariam até os níveis de 6º grau e A2+.

É fundamental que durante a formação do Guia de Cordada essas habilidades sejam bem apreendidas e desenvolvidas. A variação dos tipos de escalada, o aumento gradativo da dificuldade, buscando desenvolver várias capacidades como equilíbrio, força, concentração e autoconfiança, é de suma importância durante o CBM.¹⁰

O CBM é o curso de especialização, que habilita o militar a operar e conduzir tropas em um ambiente de montanha, exigindo que este militar seja um profundo conhecedor das técnicas de escalada e tenha condições de transpor qualquer obstáculo com rapidez, eficiência e segurança.

Obviamente o desenvolvimento das habilidades técnicas desse especialista não se limita apenas a sua formação. A escalada técnica é uma atividade que exige dedicação, motivação e treinamento constante a fim de aperfeiçoar tais habilidades, permitindo ao Guia de Cordada melhores condições de cumprir sua missão. Isto requer a busca constante de autoaperfeiçoamento após o curso.¹¹

Entretanto, o curso deve proporcionar atividades que permitam ao aluno um desenvolvimento completo. As graduações de escalada moderadas (até 6º grau) são satisfatórias ao Guia de Cordada, pois até esse nível, o militar poderá realizar escaladas em paredes rochosas verticais, com boas proteções que lhe proporcionarão segurança para a escalada e para a equipagem da via.

Níveis superiores ao 6º grau não são necessários que sejam desenvolvidos durante o curso, pois apresentam uma dificuldade técnica elevada devido a inclinação da via, escassez de apoios e agarras, proteções não muito seguras, entre outras. Esses níveis podem ser buscados pelo Guia de Cordada após o curso, visando o auto aperfeiçoamento, a fim de ampliar suas habilidades.

Cabe ressaltar também que a escalada artificial não substitui a escalada livre. É uma técnica complementar que deve ser utilizada quando não houver

possibilidade de se utilizar a primeira. Além disso, é mais desgastante exigindo um grande número de meios artificiais para a progressão, demandando maior tempo para a sua execução.¹²

O nível A2 para este tipo de escalada é satisfatório, tendo em vista que níveis acima podem comprometer a segurança durante a progressão e nas equipagens das vias.

Contudo, é interessante a prática de escaladas de nível A2+ com o intuito de que fossem praticadas as passagens em “cliff”*. Essa é uma atividade que poderia contribuir significativamente para o conhecimento técnico do Guia de Cordada.

É importante notar que a capacidade de escalar vias de dificuldade moderada deve ser alcançada durante o CBM. A prática contínua após o curso permitirá ao concludente alcançar níveis superiores, o que contribuirá para o seu aperfeiçoamento técnico e o cumprimento de missões em melhores condições.

Em relação à avaliação realizada no curso ressalta-se o fato de que as atuais regras constantes das normas de avaliação permitem que o aluno possa prosseguir no curso mesmo sendo reprovado em até três escaladas, durante a fase de escalada livre.¹³

Considerando que apenas duas, dentre as rotas escaladas, possuem a graduação de 4º grau, sendo as mais difíceis da fase de escalada livre, pelas atuais regras de avaliação, o aluno pode ser aprovado nesta fase mesmo não conseguindo escalar essas rotas, deixando de alcançar o nível mínimo desejável a um Guia de Cordada.

Durante o curso, deve-se buscar o correto ensino das técnicas de escalada e o desenvolvimento das habilidades através de diversas práticas que poderão ser avaliadas formativamente.

A avaliação somativa é importante que seja realizada ao final de um período em que o aluno já tenha desenvolvido níveis técnicos satisfatórios, de forma a se verificar se realmente ele possui condições de prosseguir no curso. Para isso, deve-se buscar, durante as instruções, atingir níveis cada vez maiores, mais difíceis permitindo ao aluno que seja avaliado de forma coerente com o seu treinamento.

A avaliação deve ser entendida como uma consequência de uma instrução

* Pequena peça metálica em formato de gancho, que se apoia em pequenas protuberâncias ou buracos na rocha. Utilizado para a progressão durante uma escalada artificial onde não é possível o emprego de meios móveis.

bem conduzida que trará resultados satisfatórios.

Por fim, o último aspecto abordado se refere ao desenvolvimento dos atributos da área afetiva durante o CBM.

Os resultados obtidos permitem afirmar que tanto os concludentes do CBM quanto os instrutores concordam, em sua maioria, com a afirmação de que as práticas de escalada do CBM contribuem, significativamente, para o desenvolvimento dos atributos Coragem, Autoconfiança e Persistência, fundamentais para o Guia de Cordada.

O desenvolvimento dos atributos da área afetiva aliado ao desenvolvimento das habilidades técnicas de um escalador contribui significativamente para o aprimoramento de sua capacidade de transpor obstáculos rochosos em qualquer situação. Um escalador somente consegue evoluir tecnicamente quando consegue superar suas limitações mentais, suas emoções e atitudes.¹⁴

Esses atributos devem ser desenvolvidos por meio de atividades sistemáticas que permitam ao militar superar o medo diante da exposição ao vazio, desenvolver sua autoconfiança e sua persistência, acreditando que o que ele aprendeu e tem condições físicas de executar lhe proporcionará as melhores condições de cumprir a sua missão independente de fatores externos.¹⁵

A técnica pura e simples por si só não garante que o escalador tenha condições de guiar uma escalada, ainda mais o Guia de Cordada que realizará essa atividade numa situação de estresse decorrente da missão que estará cumprindo.

A autoconfiança e a coragem do Guia de Cordada, bem como a persistência para realizar a atividade são os frutos de uma prática metódica, gradativa e intensa.¹⁶ De nada adianta escalar vias muito difíceis a 5 metros do solo ou escalar vias muito fáceis com alturas de 20/30 metros. Deve haver um equilíbrio entre esses fatores a fim de desenvolver os referidos atributos.

As atividades práticas do CBM realizadas atualmente permitem desenvolver esses atributos, como foi verificado através dos resultados obtidos. Porém, entende-se que pode haver aperfeiçoamento nessas práticas.

O importante a destacar sobre o desenvolvimento dos AAA, durante o curso, é que o aluno deve buscar a superação dos seus temores, desenvolvendo sua confiança na atividade e o controle de suas emoções, vencendo assim os obstáculos que se apresentarem.

A escalada envolve riscos e quanto mais o Guia de Cordada estiver

ambientado psicologicamente com a escalada melhor ele desenvolverá a atividade.

3. CONCLUSÃO

O Guia de Cordada, especialista formado no CBM, tem como sua atribuição principal, definida no seu Perfil Profissiográfico, a tarefa de escalar e equipar vias provisórias, apresentando como atributos fundamentais a capacidade de escalar rotas de várias graduações e de superar as dificuldades apresentadas pela atividade, demonstrando coragem, persistência e autoconfiança.

Nesse sentido, a presente pesquisa permitiu analisar a atual formação do Guia de Cordada, no que se refere ao ensino das técnicas de escalada no Curso Básico de Montanhismo (CBM) a fim de determinar se o concludente do CBM possui as habilidades técnicas necessárias para cumprir sua missão.

O ambiente montanhoso, devido as suas características, dificultam as operações militares e limitam as possibilidades de emprego de tropa. Sendo assim uma tropa que possuir adequada instrução e a capacidade de superar os obstáculos que se apresentarem conseguirá, pelo utilização dos princípios da manobra e da surpresa, obter vantagens significativas sobre o inimigo.¹⁷

Durante uma operação em montanha, o Guia de Cordada será empregado para “abrir os caminhos” para a passagem da tropa. Sua missão será permitir que a tropa transponha o obstáculo rochoso com rapidez e segurança.

Este especialista deve possuir habilidades técnicas que lhe permitam cumprir a missão com rapidez, eficiência e segurança. Por isso, cresce de importância que a sua formação seja completa, não devendo haver lacunas que acabem limitando a capacidade do Guia de Cordada de transpor um obstáculo rochoso.

As técnicas de escalada ministradas no CBM têm o objetivo de desenvolver tais habilidades no militar. A missão principal do Guia de Cordada, logicamente, não é simplesmente escalar uma via, mas utilizar as técnicas de escalada para equipar aquela via.

O CBM tem por objetivo desenvolver no militar essas habilidades através de uma instrução metódica, gradativa e intensa. O concludente do curso deve ter condições de, através da busca constante pelo autoaperfeiçoamento, desenvolver tais habilidades, a fim de garantir a eficiência na execução das suas missões.

Os assuntos teóricos ministrados no CBM abrangem grande parte dos

conhecimentos sobre equipamentos e técnicas que serão aplicados na execução de suas tarefas.

Contudo, recomenda-se que as instruções ministradas e as apostilas ou caderno de instruções utilizados no CBM sejam revisados a fim de padronizar a nomenclatura dos materiais e termos técnicos já consagrados mundialmente.

Além disso a adoção, oficialmente, do sistema brasileiro de graduação de vias de escalada e a inclusão no PLADIS deste objetivo específico no assunto Resenha Gráfica, bem como a inscrição da graduação nas rotas executadas no CBM a fim de permitir ao aluno uma visualização *in loco* daquilo que foi ensinado em sala de aula.

No que tange às atividades práticas, a escalada livre pode ser desenvolvida de forma mais completa.

As atividades iniciais na Pista de Treinamento de Montanhismo (PTM), deve ser realizada por todos, mais de uma vez, em suas diversas faces, bem como também poderiam ser utilizados os muros de escalada *indoor* que já existem na área da PTM.

A prática nos Campos "A" e "B" é imprescindível que seja realizada de forma gradativa para que, posteriormente, sejam realizadas as escaladas no Campo "C" (parte alta do CEMONTA), ainda em *top rope*, que tem rotas mais altas (15 a 25 metros) e mais difíceis (4º a 6º grau).

O calçado a ser utilizado nesta fase deverá ser inicialmente o coturno e evoluir para a sapatilha conforme aumenta-se a dificuldade da escalada.

Na fase de escalada em cordada, as práticas iniciais devem ser realizadas em vias com meios fixos. Escaladas com paradas no meio da via (mais de uma enfiada) e a prática da escalada operacional em locais diversos, diferentes dos atuais, contribuiriam para uma melhor formação.

Para a escalada artificial, deve ser realizada pelo menos uma escalada em que o aluno possa utilizar a técnica da passagem em *cliff* que, apesar de não ser imprescindível para a execução de escaladas com fins militares (visando a equipagem de vias), contribui para o desenvolvimento de atributos da área afetiva e amplia o cabedal de técnicas do Guia de Cordada.

Em relação à avaliação é necessário que as normas do curso sejam revisadas, buscando-se definir exatamente quais os objetivos da avaliação a ser realizada no curso.

Como possíveis aperfeiçoamentos também sugere-se que novos estudos

sejam realizados a fim de determinar uma carga horária adequada de forma a permitir que as recomendações propostas sejam efetivamente implementadas.

Estudos sobre o treinamento físico militar adequado à prática da escalada em rocha também seriam bastante válidos para o desenvolvimento das capacidades psicomotoras do Guia de Cordada.

Também sugere-se que haja uma interação maior entre o CIOpMth e as entidades de montanhismo regionais (clubes de montanhismos e federações estaduais) e a Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME). Esse contato possibilitará a troca de experiência e intercâmbios técnicos, permitindo uma constante atualização sobre o montanhismo.

A capacidade técnica do Guia de Cordada no que tange às técnicas de escalada, não pode ser limitada. Este especialista tem que possuir condições técnicas, físicas e psicológicas de cumprir suas tarefas com rapidez, eficiência e segurança, numa situação de combate. Essa capacidade deve ser desenvolvida durante a sua formação e aperfeiçoada com o adestramento.

REFERÊNCIAS

1. TROPAS DE ELITE. **11º Batalhão de Infantaria de Montanha**. Disponível em: <http://www.tropasdeelite.xpg.com.br/BRASIL_MONTANHA.htm>. Acesso em 15 abr. 2012.
2. COMPANHIA DA ESCALADA. **Serra do Lenheiro**. Disponível em: <<http://www.companhiadaescalada.com.br/noticias/anteriores01/lenheiro.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2012.
3. NOLASCO SOBRINHO, Henrique Martins. **A criação do Centro de Instrução de Operações em Montanha**: uma necessidade decorrente da Estratégia Nacional de Defesa. 2009, 32 f. Artigo científico (Especialização em Estratégia, Política e Alta Administração Militar) - Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, 2009.
4. PENTEADO, Rafael de Oliveira. **O emprego do Escalão de Reconhecimento e Segurança do Batalhão de Infantaria de Montanha: aspectos significativos de sua eficiência operacional nas operações de transposição de um paredão rochoso apoiado em curso d'água**. 2011, 97 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), Rio de Janeiro, 2011.

5. 11º BI MTH (Brasil). Centro de Instrução de Operações em Montanha. **Perfil Profissiográfico e Currículo do Curso Básico de Montanhismo**. São João Del Rei, MG, 2010.
6. FARIA, Antônio Paulo. **Montanhismo Brasileiro: Paixão e Aventura**. Rio de Janeiro: Publit, 2006. 262p.
7. CHILE. Ejército de Chile. **MDO-90602: Manual - Técnica de Escalamiento**. Santiago, 2009.
8. SANTOS, Paulo Henrique Correa. **Proposta para atualização das técnicas verticais utilizadas no montanhismo militar do Exército Brasileiro**. 2010, 61 f. Trabalho monográfico (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, 2010.
9. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MONTANHISMO E ESCALADA (CBME). **Sistema Brasileiro de Graduação de Escalada**. Disponível em: <http://www.cbme.org.br/downloads/cat_view/7-documentos-tecnicos/9-escalada-em-rocha--esportiva>. Acesso em 21 jul. 2011.
10. ARGENTINA. Ejército Argentino. **RFP-62-01: Reglamiento - Instrucción Básica de Andinismo**. Buenos Aires, 1994.
11. DAFLON, Flávio H. A., DAFLON, Cíntia A. A. **Escale melhor e com mais segurança**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Companhia da Escalada, 2010. 288p.
12. 11º BI MTH (Brasil). Centro de Instrução de Operações em Montanha. **Caderno de Instrução de Técnicas de Montanhismo**: proposta enviada ao Estado Maior do Exército. São João Del Rei, MG, 2011.
13. 11º BI MTH (Brasil). Seção de Instrução de Montanhismo. **Normas Internas de Avaliação Educacional (NIAE/SIM)**. São João Del Rei, MG, 2007.
14. BECK, Sérgio. **Com unhas e dentes**. 2. ed. São Paulo: Sérgio Beck, 2002. 186p.
15. COSTA, Christian A. N. **Psicologia do esporte aplicada à escalada**. Disponível em: Artigos Técnicos <<http://www.montanhasdorio.com.br>>. Acesso em 23 mar. 2012.
16. ISHIBE, Luiz Makoto. **Capacidade técnico-psicológica do escalador**. Disponível em: <http://www.halfdome.com.br/index.php/informativos_tecnicos/informativo/es/esca30>. Acesso em: 15 fev. 2012.
17. ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO (ECEME) (Brasil). **C 31-72: Anteprojeto do Manual de Campanha - Operações em Montanha**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ, 1983.